

O principal fornecedor de pennas de garça é presentemente Venezuela, de cujo porto não menos de cerca de 600 kilogrammas de pennas são exportados para Paris e produzem um valor de tres milhões de francos.

Não se pode comparar pennas de garça com o proprio ouro, pois uma gramma de ouro tem o valor de quasi 2 marcos e 70 pfennigs, emquanto que uma gramma de pennas de garça, como já se disse, custa, na média 4 marcos. Portanto absolutamente não pode pairar duvida, de que a criação das garças, tome incremento, vença e dê resultados iguaes ou melhores que a criação de avestruzes.

Que bella fonte de rendas esta ultima já constitue hoje para os paizes do cabo da Boa Esperança, é publico e notorio. Basta lembrar que a producção de pennas de avestruz no cabo, rendeu, no anno de 1895 a bonita somma redonda de 500.000 kilogrammas, representando um valor superior a 400 milhões de marcos!

III

RELATORIO SOBRE UMA MISSÃO ETHNOGRAPHICA E ARCHEOLOGICA AOS RIOS MARACÁ E ANAUERÁ-PUCÚ (GUYANA BRAZILEIRA), REALIZADA PELO TENENTE-CORONEL AURELIANO PINTO L. GUEDES.

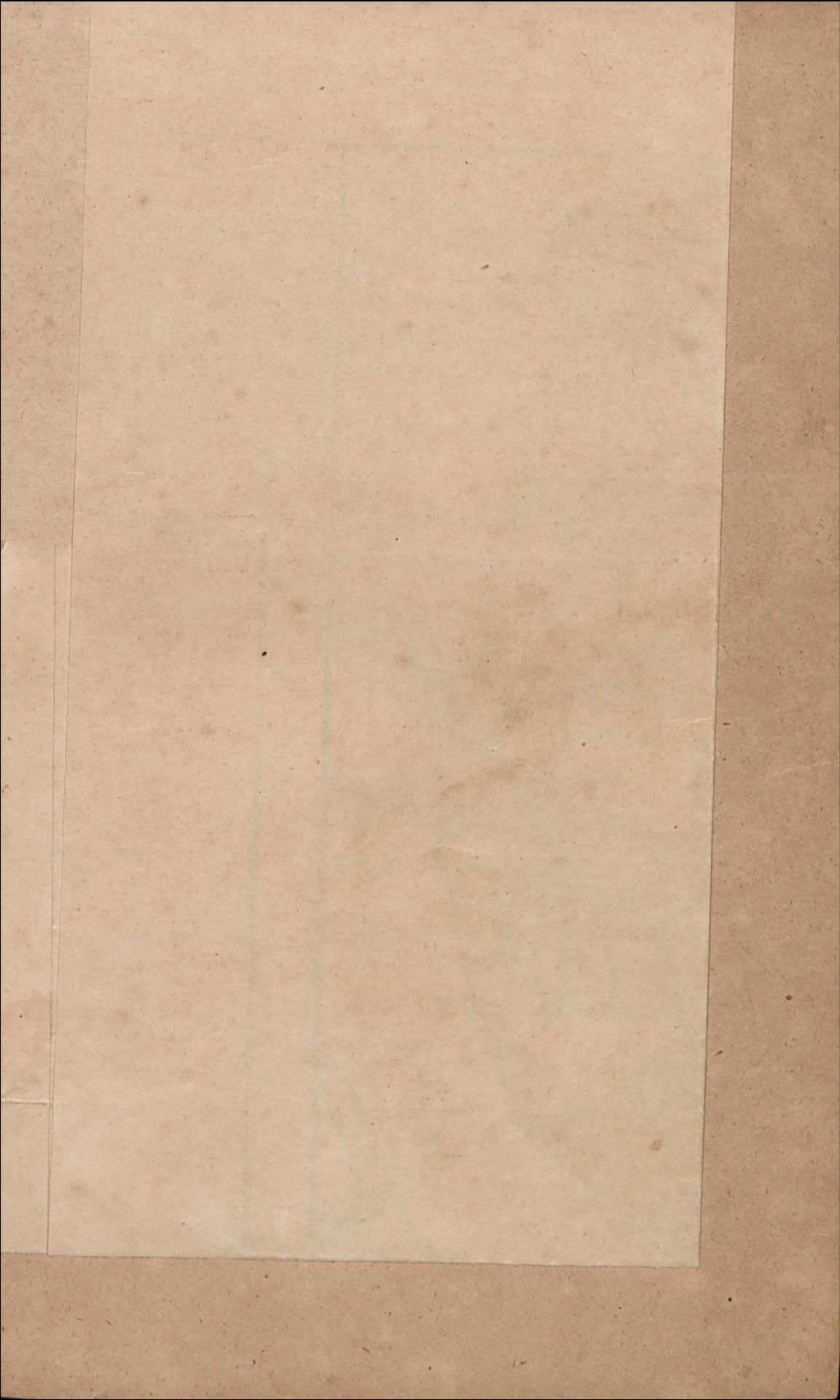
Julho a Setembro de 1896

Ill.^{mo} Sr. Dr. Emilio A. Goeldi,
Director do Museu Paraense

Tendo o Governo d'este Estado encarregado-me de auxiliar o Museu Paraense, em tão boa hora confiado a vossa sabia direcção, combinado um plano, por vos esboçado, de qual a zona que devera ser percorrida e quaes os objectos que de preferencia deviam ser colleccionados, partí a 20 de Julho do corrente anno a bordo do paquete *Elias*, de propriedade de A. Berneaud & C.^a com destino ao rio Maracá.

Gastamos cinco dias até a cidade de Mazagão onde resolvi desembarcar do *Elias* para melhor exito da expedição, como adiante se verá.

Esta viagem conhecida vulgarmente por *viagem das Ilhas*, é uma das mais agradaveis que conheço, pois além do labyrintho indescriptivel de canaes por onde se passa em de-



O principal fornecedor de pennas de garça é presentemente Venezuela, de cujo porto não menos de cerca de 600 kilogrammas de pennas são exportados para Paris e produzem um valor de tres milhões de francos.

Não se pode comparar pennas de garça com o proprio ouro, pois uma gramma de ouro tem o valor de quasi 2 marcos e 70 pfennigs, enquanto que uma gramma de pennas de garça, como já se disse, custa, na média 4 marcos. Portanto absolutamente não pode pairar duvida, de que a criação das garças, tome incremento, vença e dê resultados iguaes ou melhores que a criação de avestruzes.

Que bella fonte de rendas esta ultima já constitue hoje para os paizes do cabo da Boa Esperança, é publico e notorio. Basta lembrar que a producção de pennas de avestruz no cabo, rendeu, no anno de 1895 a bonita somma redonda de 500.000 kilogrammas, representando um valor superior a 400 milhões de marcos!

III

RELATORIO SOBRE UMA MISSÃO ETHNOGRAPHICA E ARCHEOLOGICA AOS RIOS MARACÁ E ANAUERÁ-PUCÚ (GUYANA BRAZILEIRA), REALIZADA PELO TENENTE-CORONEL AURELIANO PINTO L. GÜEDES.

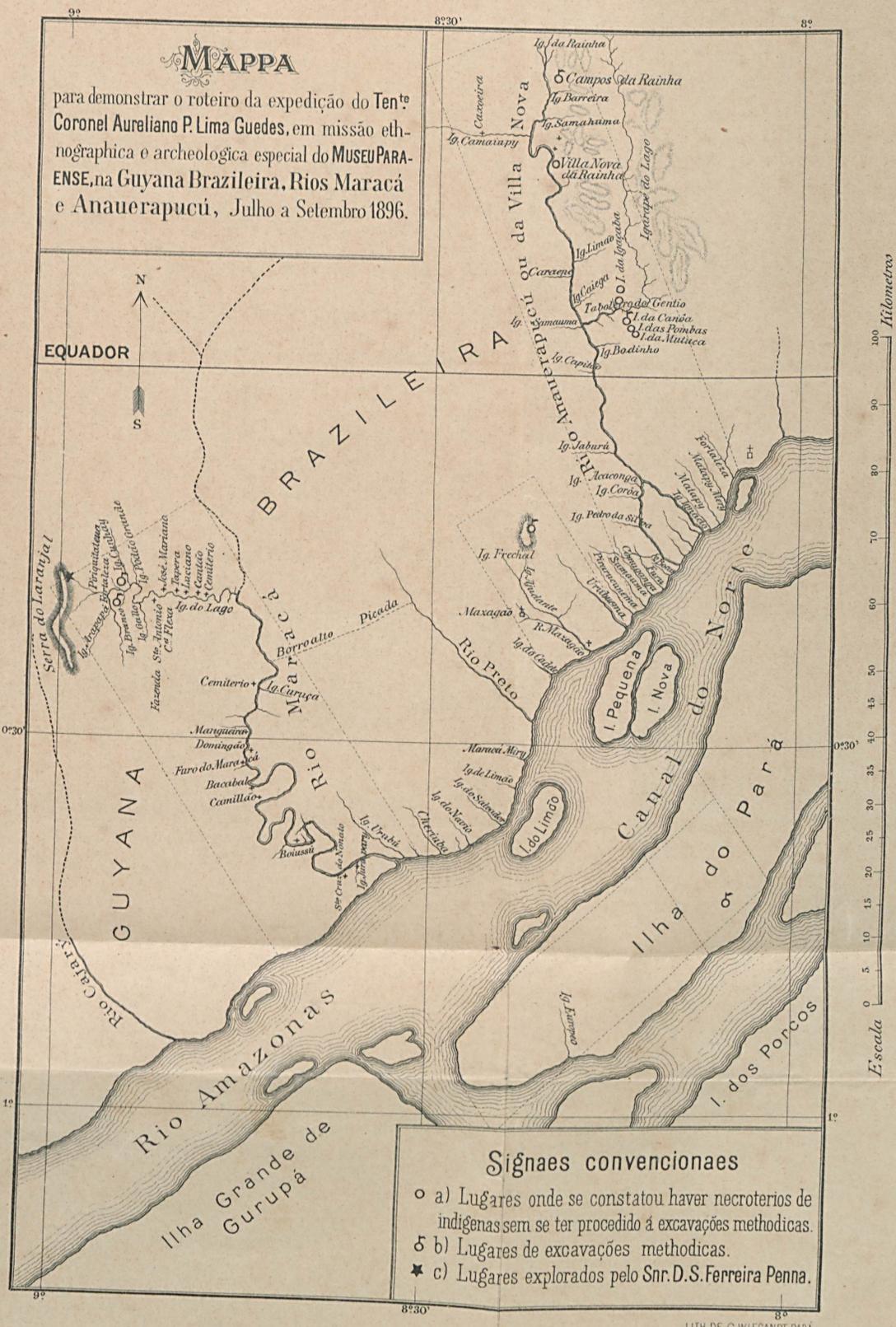
Julho a Setembro de 1896

Ill.^{mo} Sr. Dr. Emilio A. Goeldi,
Director do Museu Paraense

Tendo o Governo d'este Estado encarregado-me de auxiliar o Museu Paraense, em tão boa hora confiado a vossa sabia direcção, combinado um plano, por vos esboçado, de qual a zona que devera ser percorrida e quaes os objectos que de preferencia deviam ser colleccionados, partí a 20 de Julho do corrente anno a bordo do paquete *Elias*, de propriedade de A. Berneaud & C.^a com destino ao rio Maracá.

Gastamos cinco dias até a cidade de Mazagão onde resolvi desembarcar do *Elias* para melhor exito da expedição, como adianté se verá.

Esta viagem conhecida vulgarmente por *viagem das Ilhas*, é uma das mais agradaveis que conheço, pois além do labyrintho indescrptivel de canaes por onde se passa em de-



de 40 milhas, onde começa a apresentar alguns torrões de terra firme cada vez mais frequentes até encontrar-se um massiço extenso que vai communicar-se aos campos geraes da Guyana brasileira. Desenvolverei o aspecto e producção d'este rio no competente capitulo, passando a tratar agora de meu itinerario.

Tendo chegado a fóz do *rio Maracá* ás 5 $\frac{1}{2}$ horas da tarde do dia 28 de Julho, aproveitei a maré para pernoitar em casa do Sr. Raymundo Nonnato de Oliveira, sita a margem direita do rio no lugar denominado—*Santa Cruz*—onde chegamos ás 7 horas da noite. Partindo d'ahi ás 3 horas da madrugada de 29, chegamos ás 9 horas no lugar denominado—*Boiussy*—onde paramos para prepararmos alimentos para o resto da viagem e pôr em ordem nosso armamento e munições.

Partimos d'esse lugar ás 4 horas da tarde e chegamos ao lugar denominado—*Mangueira*—ás 11 horas da noite, onde pernoitamos para de novo recommençar a viagem ás 5 horas da manhã de 30, para chegarmos ás 9 $\frac{1}{2}$ horas da manhã, a fóz do *Igarapé do Lago*, affluente da margem direita do rio Maracá, que, pelas informações colhidas, escolherá para minhas investigações.

Chegando á 1 hora da tarde a fazenda do Coronel Flecha, denominada—*Santo Antonio*—sita a margem direita do Igarapé do Lago, gastamos o resto do dia com a nossa installação e transporte de bagagem de bordo para terra, pois este ponto era o escolhido por mim para centro de operações como o mais apropriado.

No dia 31 mandei proceder á excavações onde foi encontrada uma içaçaba em muito máu estado contendo alguns fragmentos de ossos calcinados.

Devido a impericia do pessoal inteiramente extranho á este genero de trabalho e a rigidez do solo nada se pode aproveitar da unica içaçaba ahi encontrada.

A 1.º de Agosto partí para a ilha sita no igarapé do mesmo nome, *Cunháhy*, onde cheguei ás 9 horas do dia e trabalhamos o dia inteiro em um necroterio que ahi encontramos, chegando de volta a—*Santo Antonio*—ás 10 horas da noite.

No dia 2 dirigi-me a *Ilha da Fortaleza* de onde voltei ao mesmo dia.

No dia 4 dirigi-me para a *Ilha da Terra preta* que demora na margem esquerda do principal affluente do Igarapé do Lago, chamado—*Rio Branco*—. Ahi passei em trabalhos e exploração e excavações os dias 4 e 5.

Na tarde de 5 continuei subindo o Rio Branco até o lugar denominado—*Mangueira*—onde pernoitei para, no dia seguinte, seguir á pé pelos campos geraes que n'este ponto formam a margem esquerda do Rio Branco, cuja sondagem acusa de braça e meia á duas braças.

No dia 6 um forte aguaceiro privou-nos de começar nossa marcha através dos «campos geraes» ás 5 horas da manhã, sendo dado o signal de partida ás 7 horas quando estiou. Percorremos cerca de 5 kilometros de magníficos campos cortados de monticulos e valles cobertos de ricas e verdejantes pastagens até ás cachoeiras das cabeceiras do *Igarapé Arapapé*—affluente do mesmo Rio Branco.

Estas cachoeiras occupam uma extensão de cerca de oito kilometros com diversos saltos de pequena elevação e é formada por grandes lages de grés, das quaes os moradores do lugar extrahem fragmentos de que se utilizam para amolar suas ferramentas.

Das culminancias d'esses lugares avista-se o cordão da *serra do Laranjal*.

E' pena que tão lindos e amenos lugares não sejam utilizados pela industria pastoril.

De volta do Rio Branco segui na madrugada de 8 pelo *Igarapé Periquitateua*, affluente da margem esquerda do Igarapé do Lago, até á *serra do Laranjal* n'um logar onde existe uma grande lage com uma grutta conhecida pelo nome de Buracão, e tida pelos moradores do lugar como sobrenatural ou encantada encerrando grandes riquezas e produzindo de tempos a tempos grandes e prolongados estampidos.

Em vista d'esta ingenua crença do povo, quiz estudar mais detidamente esta grutta. Penetrando por uma fenda que dava passagem a seu interior, notei que era uma lage de formação secundaria, de camadas superpostas com espessura média de 35 centimetros para cada camada, repousando sobre um terreno arenoso, tendo sido fendida longitudinalmente da parte superior até sua base n'uma extensão de cerca de 800 metros e n'uma profundidade de 5 a 8 metros.

Esta injuria na minha fraca opinião foi causada pela

excavação das arêas de sua base em consequencia das correntes das aguas pluviaes. Nota-se n'esta grutta ausencia absoluta de *stalactites*.

A acção do tempo continuando sempre a sua obra de destruição faz com que de tempos a tempos se desagreguem grandes mássios das ditas camadas pesando de 10 a 20 tons. que vão ruir por terra com grande estrepito prolongado pela resonancia produzida nas cavidades da grutta e attribuido pelos moradores do lugar a um phenomeno de origem sobrenatural.

A queda d'estes mássios forma em alguns lugares como que salões de 8 a 10 metros de largura; em outros estreitos corredores que apenas dá passagem ao visitante curioso; todos estes compartimentos são fracamente illuminados pela luz que penetra pela fenda superior da pedra.

Em alguns salões a ruptura irregular das diversas camadas formam uma especie de prateleiras mais ou menos niveladas; em outros, partindo-se ás camadas com igualdade de alto a baixo, formam paredes lisas e bem aprumadas.

Em uma pequena gruta em forma de salão completamente aberto de um lado e tendo como fundo uma secção de lage talhada verticalmente, vê-se n'esta parede uma figura pintada a dedo pelos indios que naturalmente segundo penso, queriam experimentar suas tintas preparadas com protoxido de ferro que se acha em algumas pedras n'estes lugares.

Um pouco adiante, n'este mesmo salão vê-se um buraco produzido n'uma pedra, tendo a forma interna de um gral parecendo ter sido feito pelo uso continuo de ali os indios moerem fragmentos de pedra para extracção da mesmá tinta. Não me posso furtar ao desejo de apresentar aqui uma copia de tal figura para maior elucidação. *) Esta figura tem cerca de 80 centimetros de altura e falta-lhe a perna esquerda que não apparece por se ter desagregado fragmentos de pedra onde estava ella pintada.

N'esta gruta não encontramos igaçabas porque as que lá existiam ficaram completamente escangalhadas em virtude do esmagamento pela queda de grandes fragmentos de lages de que acima falei.

No dia 9 voltamos á — Santo Antonio — onde começamos a construir gigos para accomodar as igaçabas maiores

* Opportunamente virá publicada, conjunctamente com o material archeologico essencial d'esta viagem.

e transportar para bordo e arrumar convenientemente toda bagagem.

Terminado este serviço, partimos no dia 12 rio abaixo, chegando de volta a Santa Cruz ao anoitecer de 13.

Ahi obtido com o Sr. Nonnato, os competentes caixões deixei o meu auxiliar Manoel de Pinto Lima Guedes, incumbido do serviço de encaixotamento e seguí para a *Ilha do Pará* com 3 tripolantes, afim de explorar o necroterio que constava ahi existir.

No dia 16 encontramos o necroterio procurado, regressando a 17 á Santa Cruz.

No dia 18 ainda foi empregado o dia em encaixotar as igaçabas da ilha do Pará e resto do Maracá.

No dia 19 seguiu a expedição para o *igarapé Urubú*, affluente que desagua na fóz do Maracá, onde foi encontrado um necroterio cujas urnas estavam completamente inutilizadas.

Voltando d'ahi a 21 seguimos para Mazagão afim de esperar o vapor que devia transportar a nossa collecção.

Chegados a Mazagão, subimos o seu affluente de nome *Frechal*, onde encontramos um necroterio de onde retiramos 3 igaçabas.

De volta do Frechal a 24, embarcamos a 25 com destino a capital, onde chegamos a 31.

Recolhida a collecção á nossa casa, e desencaixotada convenientemente, embarcamos a 5 de Setembro a bordo do *Elias* com destino a Mazagão onde chegamos a 10 afim de seguirmos para o rio *Anauerápucú* vulgarmente conhecido pelo nome de rio da *Villa-Nova*, onde chegamos á 12 em casa do Sr. Major Jacyntho Salgado, onde deviamos tomar embarcações para seguirmos rio acima.

No dia 14 seguimos rio acima, aportando no dia 15 ás 11 horas do dia no povoado—*Santa Barbara*—sito á margem esquerda do *Igarapé do lago*, affluente do Anauerapucú.

No dia 16 sahi para exploração de um necroterio situado na *Ilha da canôa*.

No dia 17 fomos a *Ilha das Pombas*, um pouco adiante da precedente (um kilometro). O necroterio que se achava n'esta ilha estava completamente estragado; d'ahi fomos a uma ilha sem nome logo junto a esta que denominei-a de *Ilha das*

Mutucas, pela grande quantidade de *Mutucas* ahi encontradas.

Na ilha das *Mutucas*, tinham os indios a sua fabrica de ceramica; as *igaçabas*, porém estavam muito estragadas devido ás enchurradas e raizes de páu sendo-nos preciso cavar bastante para desenterrarmos algumas em máu estado.

No dia 18 seguí para *Raparigucira*, pequena fazenda situada á margem direita do *igarapé do Lago*, duas horas acima do povoado.

No dia seguinte, montados a cavallo, que generosamente nos foram cedidos pelo professor Mamede, visitamos o *Taboleiro do Gentio* e a *Ilha das Igaçabas*; Em ambos os logares encontramos necroterios, infelizmente muito deteriorados e de onde nada se poude aproveitar.

No dia 21 conseguido um pequeno reboque partimos para descobrir as nascentes do *Igarapé do Lago* até então ignoradas pelos habitantes do lugar.

Este *igarapé* atravessa pelo meio dos campos geraes completamente accidentados n'esta zona.

Quanto mais para cima, mais aridas tornam-se as montanhas quasi despidas de vegetação, tornando-se muitissimo mais pobre tambem a sua fauna. Devido talvez a estas circumstancias os indios não habitaram ahi, pois nenhum vestigio encontrei de sua permanencia n'estes lugares.

Durante 4 dias subimos o *Igarapé do Lago* encontrando afinal suas fontes, que surgem do meio dos campos nas quebradas formadas pelas montanhas.

Era tradição dos habitantes que este *igarapé* nascia de um lago muito farto e rico que tambem dava origem ao *Maruaum*, affluente do rio *Matapy*.

O unico proveito que tirei d'esta excursão foi verificar e corrigir este erro popular chegando de volta, ao povoado no dia 29.

Dia 3o de Setembro 1, 2 e 3 de Outubro foram passados em pequenas excursões proximas do povoado enquanto obtinhamos uma embarcação para subir o *Anauérapucú*. Obtida ella sahimos no dia 4 chegando no dia 5 por volta do meio dia em casa do Sr. Pedro Valente proximo ao *Igarapé da Rainha*.

Exploramos por terra durante os dias 6 e 7 os *Campos* chamados *da Rainha*, regressando a 8 para a fóz do rio onde chegamos a 9, tendo cuidado do encaixotamento de *igaçabas* em casa do Sr. Major Salgado.

Partimos para *Mazagão*, onde a 12 tomamos o *Rio Pu-*

rús que nos trouxe a esta capital com escala pelo rio Anapú.

Para maior comprehensão do territorio por mim percorrido, tenho a honra de juntar aqui uma carta geographica por mim levantada dos rios e logares explorados, pedindo para ella toda vossa indulgencia attenta a minha incompetencia em trabalhos d'esta natureza. *

Archeologia

Tendo de tratar da parte archeologica da minha ultima expedição não me posso furtar á necessidade de falar do ceramium do «Cunany» ou Goanany como lhe chamavam os colonos portuguezes. Na margem esquerda, a cerca de 400 metros acima da embocadura do igarapé do Hollanda, que desagua na 5.^a cachoeira, junto á villa de Cunany, na margem esquerda do rio d'esse nome, encontra-se uma pequena vereda que conduz á casa do forno do Sr. Ezequiel de Souza; subindo ahi uma pequena collina chamada «Monte-Curú» — encontrei quasi ao cimo d'esta, dous depositos de igaçabas muito particulares pela sua forma cuja presença era indicada por um pedaço de granito em forma de alongada pyramide quadrangular truncada.

A uns oito metros de cada lado d'este marco, achava-se um disco de granito tendo 1^m50 de diametro e 14 centimetros de espessura.

Removido a muito custo este disco, nos deixava ver um poço com cerca de 2 1/2 metros de profundidade e, mais ou menos de 1^m20 de diametro.

Descendo ao pôço, vi do lado de O, um lugar cavado em forma de semicirculo com um raio mais ou menos de 0,^m90, tendo seu sólo nivelado com o do poço e a sua abertura voltada para este.

O tecto d'este escavado tem a forma de meia esphera imperfeita, cujo zenith, na parte interna desce regularmente até nivelar-se com o sólo d'este escavado.

Emprego o termo — escavado — porque realmente foi escavado pelos indios ao contrario notar-se-hia sobre a abobada terra que teria sido revolvida, ao passo que o corte n'este pôço indica terra primitiva que, de modo algum foi revolvida.

N'este escavado que para mim representa o verdadeiro papel de mausoléu, e que estavam collocadas 18 igaçabas (um conhecido autor francez em seu livro dá apenas 7 igaça-

* Esta carta geographica virá impressa depois.

bas em cada pôço) de diversas formas e tamanhos, notando-se duas a duas semelhantes. O lugar mais central era occupado pelas maiores, e as menores enchiam o resto do espaço.

A figura 2 representa o mais aproximado possível o corte vertical em perfil do referido pôço.*)

Essas igaçabas em sua totalidade continham fragmentos de ossos calcinados, que, pela sua abundancia, supponho que encerrava cada uma restos de mais de um individuo.

Umás igaçabas tinham formas de alguidares com pequenos buracos praticados no fundo; outras tinham mais ou menos a forma de uma bandeja ornamentada nos quatro cantos; uma tinha quasi a forma de um chapéo armado collocado sobre um pequeno cylindro; duas em forma de grandes espheras sobremontadas de pescoço alongado e amplo. A mor parte d'ellas em forma de potes de grande bôjo um pescoço largo ornamentado com um desproporcionado rosto de indio. Do bôjo partiam braços e pernas quasi em miniatura.

De cada par, uma tinha orelhas furadas e seios, o que me faz suppor que continham restos de pessoas do sexo feminino; outra não tem seio nem orelhas furadas, o que me leva a crêr que encerrava restos de individuos do sexo masculino.

Todas ellas, excepção feita dos dous potes grandes por cima de uma camada esbranquiçada de resina de jutahycica eram ornamentadas com pinturas de diversas formas e gostos. Proximo ao local d'esses dous mausoléus, do outro lado da collina existe um enorme massiço de granito. Ha grande abundancia de granito por toda parte n'esse territorio, sendo muito facil e economico supprir-se a praça do Pará d'esse granito organisando uma empresa para sua extracção, ficando assim melhor servida do que mandando-o vir do estrangeiro por um preço exorbitante.

Necroterio da ilha do Cunhahy

A ilha do Cunhahy fica situada no igarapé d'este nome cerca de 20 kilometros de sua fóz que demora na margem esquerda do Igarapé do Lago, affluente do rio Maracá.

A S O d'essa ilha ha um grande rochedo talhado verticalmente tendo mais ou menos 8 metros de altura sobre uma extensão de 300 metros que contorna a ilha marginada n'esse lugar por uma enseada formada pelo igarapé; n'elle existem

* Esta figura virá igualmente publicada mais tarde em outro lugar.

em distancias e alturas desiguaes quatro pequenas grutas formadas pela propria natureza da pedra que foram aproveitadas pelos indigenas do lugar para seu necroterio.

Na 1.^a das grutas que fica á 3 metros mais ou menos da altura do sólo existiam diversas igaçabas, entre ellas uma contendo uma ossada de indio; outra em forma de pote grande com pintura de diversas côres e ainda outras do feitio de pequenas fôrmas de pão de assucar (cones alongados), no sólo d'essa gruta encontrei um craneo de indio quasi em perfeito estado.

Na segunda gruta que fica ao rez do chão havia uma igaçaba tubular já sem tampa, com distinctivo masculino e grande quantidade de fragmentos de igaçabas tubulares e outros formatos.

No fundo d'essa gruta uma pequena abertura de 34 centimetros de altura e 60 centimetros de largura dá communicação para um bonito compartimento espaçoso e humido completamente vasio.

Na 3.^a gruta, além d'algumas igaçabas em forma de potes de bocca muito larga e muitos fragmentos de igaçabas tubulares, encontrei uma em forma de Jaboty.

Na 4.^a gruta, finalmente, existia grande quantidade de fragmentos de igaçabas de formatos diversos, parecendo-me terem sido quebradas pela queda de algum fragmento de pedra desagregado da parte superior da gruta.

Adoptei a denominação muito adequada de—urna tubular—dada pelo meu muito illustre collega de magisterio na Escola Normal, Sr. Ferreira Penna, de saudosa memoria, ás igaçabas do *rio Maracá* por serem estas uns tubos de altura e diametro variaveis, postos sobre um pequeno banco, guarnecidos de membros superiores e inferiores, tendo como tampa um capacete conico representando a cabeça.

O aspecto d'essas igaçabas com a competente tampa nos representa um ser humano sentado, tendo as mãos apoiadas sobre os joelhos, com os cotovellos o mais elevado possivel, as pernas muito deformadas tendo mais ou menos um terço da altura proporcional e grossura demasiadamente exagerada. N'essas igaçabas o sexo é determinado pelas partes genitae competentemente localisadas.

Ilha da Fortaleza

Esta ilha está situada na margem direita do *Igarapé do Lago* á uma milha pouco mais ou menos acima da affluencia do Rio Branco. Esta ilha de forma arredondada é formada por

uma elevação de cerca de 18 metros de altura subindo rapidamente por um declive de cerca de 50 %, vencido este declive chega-se a um taboleiro plano onde existe uma especie de trincheira a que os naturaes do lugar dão o nome de *fortaleza* e attribuem a sua construcção aos Hollandezes. Sou levado a crer por muitas razões, que essa especie de trincheira foi construida pelos indios para defenderem a penetração dos homens civilizados na zona de seus aldeamentos; 1.º porque repugna ao bom senso suppor que um povo com conhecimentos da arte bellica fosse construir uma fortaleza para defender as nascentes de um igarapé ao envez de defender a fóz do rio; em 2.º lugar logo atraz da trincheira existia um grande necroterio que foi conservado intacto até o annó de 1892, e com certeza operarios civis ou militares que tivessem construido a trincheira não teriam deixado aquellas igaçabas intactas. Além d'isto esta trincheira é um amontoado de terra escavada no proprio lugar, arrumaða na borda exterior formando uma cortina de cerca de 0,60 centímetros de altura e 1^m de largura; tudo isso como já disse mais acima me leva a crer que seja obra dos indios e não de um povo europeu.

N'esta ilha existia um necroterio bastante extenso; depois de alguma procura encontramol-o collocado sobre a terra no planalto da collina a uns 200^m por traz da trincheira, mas infelizmente uma grande quantidade de vasos que compunha este ceramio, estavam todos quebrados, (por um individuo que eu soube mais tarde chamar-se Casemiro Antonio Corrêa, que pensando ter ouro e prata encerrados nas igaçabas foi procural-os e não encontrando, despeitado, quebrou-as.)

Os vasos d'este ceramio eram identicos aos de Cunhahy segundo o exame que procedi nos fragmentos em grande profusão exparsos n'este lugar.

Ahi achei 5 machados de indios e colleccionei amostras de pedras.

Ilha da Terra-prêta

Depois de termos chegado a esta ilha que fica na margem direita do *Igarapé Rio Branco* atravessamos a ilha pelo matto, seguindo rumo de S E $\frac{1}{4}$ de E até o extremo opposto da ilha, onde chegados costeamos pelo lado de E onde encontrei uma gruta em que havia muitas igaçabas. Um grande bloco de pedra porém que se despregara ha muito tempo da parte superior da gruta occasionara grande choque na terra, que revirou quasi todas as igaçabas, fazendo cahir os tampos

ou cabeças, partindo muitas e enterrando-as (ou melhor aterrando-as) até a bocca.

Trabalhamos até ás 5 horas da tarde, suspendemos os trabalhos e conduzimos para a barraca as igaçabas que já estavam tiradas. No dia seguinte ás 6 $\frac{1}{2}$ da manhã nos pozemos a caminho para acabar as escavações começadas na vespera, determinei o serviço e fui explorar a ilha onde encontrei do lado de S mais 2 ceramicos, um redusido a pequenos fragmentos por uma secção de lage que desabou, e outro com as igaçabas quebradas por uma onça que dormia ahi. N'este ultimo ceramico apenas encontrei 2 tampas ou cabeças inteiras conduzi com ellas.

As igaçabas de Terra-Preta são como todas as d'esta zona de forma tubular, tendo cada ceramico algumas em forma de jaboty.

No ceramico d'esta ilha foi que encontrei uma igaçaba ornada de missanga nos braços na qual tinha sido sepultado um individuo do sexo feminino, o que me leva a suppor que este necroterio é de epocha Colombiana.

Serra do Laranjal

N'esta serra e suas immediações devem existir numerosissimos necroterios, entretanto na gruta chamada *Buracão* que percorri não encontrei igaçabas porque as que ahi existiam foram destruidas pelo desabamento de um grande bloco de pedra. Não pude prolongar as minhas pesquisas na *serra do Laranjal* porque as provisões que trouxera de *Santo Antonio* não nos permittia demorar mais. Para voltar a *Santo Antonio* e tomar novos mantimentos gastariamos um tempo precioso e com certeza perderiamos o paquete; sendo já conhecidas as igaçabas de toda esta zona não valia a pena o sacrificio.

Descemos o rio *Maracá* para dirigirmos nossos esforços para outro ponto.

Ilha do Pará

Para aproveitar tempo atravessei da fóz do *Maracá* para a *Ilha do Pará* afim de ahi procurar algum necroterio indigena. A viagem da fóz do *Maracá* para esta ilha é muito incommoda porque é preciso descer até a fóz do rio *Maracá* com a maré vasante, ahi espera-se a enchente para subir o Amazonas até a ponta O da ilha para d'ahi com a vasante costear o lado S da mesma ilha até o ponto em que devia-

mos desembarcar no *igarapé Europeu*, em casa de D. Hypolita de Carvalho.

A 5 milhas pouco mais ou menos d'este ponto da ilha para o lado de E entre os *igarapés Mulatinho e Brito*, existe uma barraca de seringueiro. Seguindo d'ahi com rumo de N 32' para E a cerca de 700 metros, encontramos depois de muitas pesquisas o necroterio proximo a um cedreiro colossal. Infelizmente os procuradores de dinheiro enterraram grande parte do ceramio, fazendo excavações e quebrando as igaçabas; sobre uma area de mais de 300 metros encontrara-se fragmentos de igaçabas de todos os tamanhos e mostravam pertencer todos a igaçabas do mesmo formato. Só encontrei um fragmento de perna de uma igaçaba tubular como as do Maracá, todos os outros eram de igaçabas em fórma de jaboty, differentes entretanto das do mesmo formato encontradas no rio Maracá, de modo que á primeira vista se pode distinguir estas d'aquellas.

As igaçabas da *ilha do Pará* foram primitivamente collocadas sobre a terra, com a continuação dos tempos, o crescimento do humus e as enxurradas foram atterrando-as de modo que hoje se acham quasi completamente enterradas. Estas igaçabas tem a forma pouco mais ou menos de um jaboty de pernas muito altas e a cabeça um tanto semelhante a uma cabeça humana, algumas até ornadas de toucados bizarros. Na parte superior ou dorsal existe uma abertura elliptica por onde recolham os indios para seu interior as cinzas dos mortos ajustando-lhe ao depois um tampo ou testeo de barro que calafetavam com resinas.

D'este necroterio trouxe tres igaçabas que me pareceram mais completas, e diversos fragmentos para mostrar a variedade de typos representados pelas cabeças das ditas igaçabas. N'esta mesma ilha existem outros necroterios um dos quaes eu pedi ao Sr. João Pedro de Carvalho proprietario do lugar, que procurasse e me dêsse imformações exactas, mas até hoje nada soube a tal respeito. Emquanto explorei a *ilha do Pará*, parte do meu pessoal tratava na *Santa Cruz* do Maracá de encaixotar as igaçabas. De volta da *ilha do Pará* mandei seguir para o *igarapé Urubú*, affluente do rio Maracá que desagua na margem esquerda junto a fôz d'este.

Igarapé do Urubú

Informado que no *igarapé do Urubú* havia um necroterio indigena e achando-me com um accesso febril mandei

seguir para lá 3 homens e 1 guia capitaneados por meu auxiliar. Chegados ao ponto indicado fizeram diversos cortes na terra, encontrando apenas fragmentos de igaçabas tendo o formato pouco mais ou menos das do Marajó, sem todavia serem ornamentadas.

Regressando a expedição no dia seguinte deixei ficar o grosso de nossa bagagem em *Santa Cruz* do Maracá e seguimos no batellão para a cidade de Mazagão afim de explorar o *igarapé Ajudante*, affluente do rio d'aquelle nome.

Igarapé Ajudante

O Ajudante, affluente do rio Mazagão, que desaguá na margem esquerda d'este cerca de 6 milhas de sua fóz, tem as nascentes em um lago chamado—Aruan. Remontando a um igarapé do *Ajudante* chamado *Frechal* encontra-se um sitio de terras altas com o mesmo nome do igarapé, seguindo pelo taboleiro d'esta terra firme cerca de 4 kilometros parte com rumo de E e parte costeando um lago chamado das *Igaçabas* encontramos um grande necroterio tendo as igaçabas enterradas. Ahi trabalhamos 2 dias e conseguimos retirar algumas quasi completas já bastante estragadas pelas raizes das arvores tornadas collossaes pelo espaço de tempo decorrido depois que os primitivos habitantes o abandonaram.

Grande é a semelhança que existe entre o modo pelo qual eram feitas as inhumações das igaçabas ahi, como as feitas em Marajó; entretanto n'este lugar encontrei fragmentos de urnas tubulares e de urnas em forma de jaboty o que nunca encontrei em Marajó; a maioria porém, das igaçabas d'este ceramio eram de formas analogas das de Marajó sendo todavia muito pobres de ornatos e desenho.

Pela observação detida e comparativa d'estes vasos, supponho que este lugar era habitado por uma tribo da familia dos Aruans que entretinham relações muito estreitas com os habitantes da *Ilha do Pará* e com os do rio Maracá. Não pude trazer grande quantidade de igaçabas d'este lugar por causa da distancia que fica do ponto de embarque e mau transito pela matta entrançada de cipós; entretanto julgo ser documento authenticico do que assevero o que ahi colhi.

Rio Anauerá-pucú (Ilha da Canôa)

O rio Anauerá-pucú cujo aspecto justifica o nome (Rio direito onde encontra-se *anauerá*) conta entre numerosos af-

fluentes um da margem esquerda chamado *Igarapé do Lago*. A umas 5 milhas pouco mais ou menos de viagem por este igarapé o viajante descortina bonitos campos de um lado e outro de suas margens e uma bonita elevação nos campos da margem esquerda onde antigamente a familia Avila tinha uma fazenda de criação de gado. Hoje esta propriedade está toda dividida por diversos proprietarios contando entre todos cerca de 1.200 cabeças de gado vaccum, algum lanigero e suino e muito pouco cavallar. A pequena collina onde estava assente a fazenda *Santa Barbara* tem hoje 9 casinhas cobertas de palha e de aspectô agradável; por traz d'esta collina ficam os terrenos altos e accidentados que separam o *Igarapé do Lago* do *Maruanhum*, affluente do Rio Matapy.

N'este massiço de terras altas, a 2 kilometros pouco mais ou menos do povoado a rumo S E encontra-se n'um taboleiro um capão de matto denominado *Ilha da canôa*. Ahi existe um cemiterio de indios com grande quantidade de ceramio de formas analogas aos de Marajó e ornamentações quasi semelhantes aos de Cunany, sem com tudo terem pinturas como o ceramio d'este ultimo lugar. Ahi trabalhamos tres dias, conseguindo apenas extrahirmos igaçabas quebradas, insuccessos este devido não só a grande rigidez do terreno produzida pelo rigor do verão (n'este lugar o verão é muito torrido e algumas vezes passa-se 4 mezes sem chover), como ao máo estado em que se achavam as igaçabas.

Em uma das igaçabas extrahidas d'este necroterio foi encontrado de envolta com a ossada, um pedaço de resina odorifera que ainda conservava o seu aroma, conhecida vulgarmente pelo nome de «cuanuarú», de tamanho e forma pouco mais ou menos de um ovo de gallinha.

Ilha das Pombas

Um pouco mais adiante da *Ilha das Pombas* a cerca de 1 kilometro á E d'esta ilha, encontra-se outro capão de matto chamado *Ilha das Pombas*. N'esta ilha encontrei outro necroterio; este, porém, estava completamente estragado pelas arvores que cresceram e emaranharam as suas raizes por entre as igaçabas, partindo-as completamente a proporção que se iam desenvolvendo. Diversas tentativas que fiz para extrahir d'este necroterio alguma coisa que pudesse ser aproveitada foram todas improficuas.

Um pouco adiante da *Ilha das Pombas* fica uma pequena ilha (capão do matto) que não tinha denominação al-

guma. Denominamol-a de *Ilha das Mutucas* por causa da grande quantidade de mutucas que ahi encontramos.

Ilha das Mutucas

N'esta ilha achamos junto a umas bacabeiras uma porção de igaçabas, panellas e outras vasilhas de barro preparado com caripé, algumas das quaes ainda não tinham sido queimadas. Como n'esta parte o terreno era em declive até ao *lago do Uaruba* as aguas pluviaes em sua passagem violenta iam rolando as ditas vasilhas e batendo-as de encontro as arvores e assim deteriorando-as, por todos os indicios este lugar pareceu-me ser aquelle em que os indios fabricavam o seu ceramio, pois nenhuma vasilha tinha indicios de ter sido applicada a qualquer uso; as urnas funerarias não continham ossos nem fragmentos dos mesmos; algumas já desfeitas não tinham sido queimadas, mas estavam amassadas de um lado o que pareceu-me ter acontecido na occasião em que fôram collocadas ao fogo e em virtude de ter-se amassado, o seu fabricante a abandonou no mesmo lugar.

Taboleiro do Gentio e Ilha das Igaçabas

Do lado opposto ao povoado de *Santa Barbara* (isto é, na margem direita do *Igarapé do Lago*), do rio Anauerápucú existe uma linda vivenda chamada «Raparigueira», situada justamente no lugar onde os terrenos baixos (que de inverno se transformam no lago que dá origem ao nome d'este igarapé) começam a ser cortados por collinas e apresentam ao viajante do baixo Amazonas um panorama completamente diverso do que estava habituado a ver.

O proprietario d'esta linda fazenda, o Sr. professor Mamede, tendo nos hospedado generosamente em sua casa, cedenos cavallos e pessoalmente foi nos mostrar no dia seguinte os dois lugares cujos nomes encontram-se acima.

O Taboleiro do Gentio é um planalto formado pelas primeiras e mais baixas das elevações que ficam por traz da fazenda *Raparigueira*; ahi os indios tinham o seu aldeamento e um necroterio. Restos de grandes lagedos já derrocados pela acção do tempo e escavados em forma de bacia, orlam o lado O d'este taboleiro e o povo do lugar, diz que ali era que os indios iam se banhar.

Devido ao rigor das estações n'estas paragens, ao fogo que todos os annos é lançado ao campo pelo tempo de ve-

que tinha 5,09^m de comprimento; os Miritis abundam de um modo espantoso nos terrenos alagadiços.

Além d'estes representantes da flora do Maracá trouxe amostras de mais 44 especies para a collecção de botanica do Museu colhidas aqui e acolá de passagem pelo meu caminho para as escavações archeologicas.

O terreno da comarca de Mazagão é muito fertil: dá muito bôa mandioca, o café ahi apresenta cargas como as do sul, mas, infelizmente os poucos e pequenos cafezaes que existem estão completamente abandonados; dá bôas laranjas, produz regularmente o milho e o feijão.

Anauerá-pucú

A flora do Anauerá-pucú é quasi identica a do Maracá entretanto ahi encontram-se muitas especies que não se vêem no Maracá entre estas eu citarei: o Jacarandá roxo que merece especial menção pelo alto apreço que é tido na fina mercenaria, bem como nas fabricas de instrumentos de musica.

Continuando a enumerar as madeiras do Anauerá-pucú relacionarei massaranduba, cumarú, jacarandá etc.

Pertencentes a industria extractiva, temos ainda as mesmas especies do Maracá e mais ainda o cravo que se encontra proximo as cachoeiras do Anauerá-pucú.

Infelizmente esta zona é ainda menos conhecida e povoada do que o Maracá.

A pequena lavoura que ahi se encontra é toda rotineira, entretanto muito bem compensada.

Proximo ao *Igarapé da Rainha*, vi cannas de grossura e tamanho fora do commum; os cereaes desenvolvem-se muito regularmente n'estas paragens.

No lugar onde antigamente foi a *Villa nova da Rainha* que hoje está em matta, acham-se pequenos agrupamentos de cafeeiros, abacateiros e lorangeiras, que dão muito bôas fructas não obstante estarem em capoeira grossa, quasi matta.

Os cacaoes naturaes tambem ahi são encontrados deseminados pelas mattas dos terrenos baixos que marginam o rio e igarapé.

Ahi colhemos diversas amostras para a secção de botanica do Museu.

Fauna

Rio Maracá

No territorio banhado por este rio a fauna é bem representada, não só pela sua abundancia como pela sua variedade; ahi encontram-se mammiferos do Pará.

Entre estes encontrei porém, dois individuos de tamanduás completamente pretos. Será uma nova especie? ou simplesmente um accidente de côr? fallece-me a competencia para sentenciar sobre tal assumpto. Felizmente pude conseguir um d'estes tamanduás que trouxe para a collecção de Zoologia do Museu, estabelecimento ao qual cumpre esclarecer o problema.

Entre as aves vi quasi todas as que vulgarmente aqui se encontram, entretanto nunca pude ver um *guará* (Ibis rubra). Em compensação ahi encontra-se uma especie de garça a qual chamam ahi *garça morena*, muita diversa da garça morena de Marajó; pois esta da margem esquerda do Amazonas é de um branco-crême, ao passo que as de Marajó são cinzentas; por mas diligencias que fizesse não pude conseguir matar uma só d'estas garças para corpo de delicto.

Entre os trepadores vi pela primeira vez um magnifico casal de Tucanuçu de enorme bico de côr amarella e peito todo da mesma côr. Um pratico do lugar me disse que chamam a estes *Tucanos pacova*, ainda me foi impossivel trazer um d'estes lindos passaros; em compensação trouxe diversos *Araçarís*, entre estes alguns que ainda não existiam na collecção do Museu. As diversas especies de Picapáos tambem ahi são bem representadas os mais diversos dos que aqui se encontram, foram os que trouxe e apresentei ao Museu com a competente relação. Os *Tangarás* ahi encontram-se em grande abundancia e variedade, felizmente pude trazer mais de trinta individuos d'esta familia representando diversas especies.

No Maracá encontra-se grande variedade de Tentilhões entres estes o *canario da terra* que ahi chamam temtem buto e como no sul andam em bandos; trouxe diversos exemplares d'esta especie.

Notei completa ausencia do *quirirú* não só n'este rio como nos outros que explorei até o Anauerá-pucú.

Rio Anauerá-pucú

A fauna d'este rio é exactamente a mesma do Maracá, apenas obtive ahi um individuo da familia dos Picapáos que